

Sigmund Freud

Por Valmir Perez

As linguagens do inconsciente

UM DOS ASPECTOS MAIS INTERESSANTES DO FUNCIONAMENTO da cognição dos seres humanos é o fato de que, embora nossos sistemas sensoriais sejam extremamente parecidos e invariáveis, jamais um indivíduo entenderá um estímulo visual da mesma forma que um outro, mesmo em condições extremamente idênticas, sejam elas artificialmente criadas dentro dos laboratórios ou na vida humana real e comum.

Isso acontece porque os olhos que veem não são os que interpretam. Hoje, sabemos que a interpretação de uma imagem, seu reconhecimento, dependem de uma infinidade de fatores, que vão desde as “qualidades” de nossa personalidade até o modo como encaramos uma situação, e a maioria deles está diretamente relacionada com o nosso inconsciente.

Outro aspecto, atualmente discutido entre os cientistas e que vem de certa forma pôr abaixo a vaidade humana, é o de que nossa mente consciente talvez não seja a parte mais importante do todo pensante. É próprio do animal racional homem sempre achar que é o máximo, que o Sol gira em torno do seu

ego e que as estrelas e a Lua estão no céu para enfeitar a noite, iluminando seus encontros românticos e seus luais à beira da praia. Talvez mais uma vez, como os detratores de Galileu¹, possamos estar redondamente enganados quando olhamos para os nossos bichinhos de estimação e os encaramos apenas como meros bibelôs. Talvez ainda não estejamos nos dando conta de que, por exemplo, se alguma explosão da corona solar enviar níveis elevados de partículas ionizadas para a atmosfera deste planeta, fritando nossos transístores e chips, nossos queridos pets ainda poderão sobreviver no mundo hostil que este planeta rapidamente pode se tornar. Sem água potável, comunicações, energia elétrica ou combustíveis, muito rapidamente voltaríamos à idade média. Não vai adiantar saber cálculo diferencial numa hora dessas, mas vai ser importante que o nosso organismo se adapte com rapidez ao novo cenário. Se o sistema endócrino e fisiológico geral funcionarem corretamente, poderemos ter mais chances de sobreviver. Por essa razão, o equilíbrio de nossa mente consciente seria extremamente importante numa situação

como essa, mas não valeria nada se a nossa mente inconsciente deixasse de funcionar fazendo o trabalho duro.

O físico e escritor Leonard Mlodnow², parceiro de Stephen Hawking, um outro físico muito respeitado no meio científico, nos relata – com o seu reconhecido humor – algumas coisas bastante interessantes sobre o assunto:

*“O inconsciente desenvolveu-se cedo na evolução, sentindo e respondendo com segurança ao mundo externo. É a infraestrutura-padrão no cérebro de todos os vertebrados, enquanto o consciente pode ser considerado um aspecto opcional. Aliás, enquanto a maioria das espécies não humanas pode sobreviver com pouca ou nenhuma capacidade de pensamento consciente, nenhum animal pode existir sem um inconsciente.”*³

Teorias do fim do mundo à parte, creio que seria bastante interessante analisarmos o assunto com mais profundidade. Observemos o que Leonard ainda acrescenta:

“...o sistema sensorial do homem envia ao cérebro cerca de 11 milhões de bits de informação por segundo. Porém, qualquer pessoa que um dia tenha tomado conta de algumas crianças que falam ao mesmo tempo, pode testemunhar como nossa mente consciente não consegue processar algo próximo desse número. A verdadeira quantidade de informação que podemos lidar foi estimada em algo entre dezesseis e cinquenta bits por segundo. Portanto, se nossa mente consciente tentasse processar toda essa informação enviada pelo sistema sensorial, nosso cérebro travaria, como um computador sobrecarregado. Além do mais, mesmo sem perceber, tomamos muitas decisões por segundo. Será que eu deveria cuspir esse bocado de comida por ter detectado um odor estranho? Como devo ajustar meus músculos para continuar de pé sem me inclinar? Qual é o significado das palavras que aquela pessoa está murmurando do outro lado da mesa? Aliás, que tipo de pessoa ela é?”

A evolução nos deu uma mente inconsciente porque é ela que permite nossa sobrevivência num mundo que exige assimilação e processamento de energia tão maciços. Percepção sensorial, capacidade de memória, julgamentos, decisões e atividades do dia a dia parecem não

*exigir esforço – mas isso só porque o esforço demandado é imposto sobretudo a partes do cérebro que funcionam fora do plano da consciência.”*⁴

Da Grécia antiga, passando por Kant⁵ e seguindo até os nossos dias, o homem vem perguntando o que é o inconsciente, como funciona e quais seus propósitos. É também certo que, se o inconsciente positivamente toma as providências necessárias para que possamos funcionar nesse mundo 3D, comportando-se como uma espécie de piloto automático, por outro lado, as falhas de registro não podem ser descartadas.

Demorou muito para que a ligação sutil entre o que ainda muitos consideram “processo” e “máquina” pudesse ser comprovado, mas foi, e isso também foi um passo enorme para nosso entendimento de como funcionamos. Também foi um passo enorme e decisivo na direção de entendermos que nem tudo o que o nosso organismo sente está relacionado somente aos processos puramente físicos ou químicos dentro do corpo, e que muitos deles são frutos de processos interiores que se dão justamente nos níveis obscuros da mente.

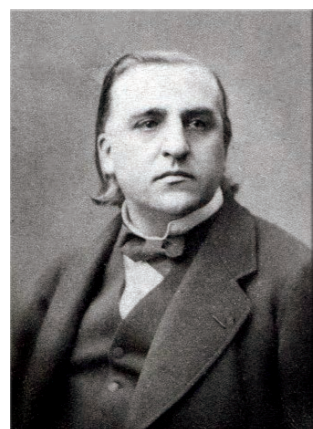
Na história das ciências, percebemos, às vezes, que coisas extremamente importantes não são solucionadas por questões de preconceito, de crenças. Na história da psicologia isso não foi diferente. Pelo contrário! Enormes barreiras de preconceito tiveram que ser quebradas. Vem daí também que uma das melhores mentes da humanidade contribuiu para a abertura dos caminhos desse entendimento como quem arromba uma porta. Nunca antes de Sigmund Schlomo Freud o mundo escondido de nossa mente foi tão devassado e posto a público, com toda a sua riqueza, bondade, maldade, lascívia e o que mais qualquer um de nós possa esconder atrás da máscara que protege a realidade íntima. Freud foi o desbravador de um mundo totalmente novo, de suas ciladas e artimanhas.

Nascido em 6 de maio de 1856 na vila moravia de Freiberg, filho de Jacob Freud, um pobre judeu comerciante de lã e sua terceira mulher, Amália Nathanson. Aos três anos de idade, sua família muda-se para Leipzig e no ano seguinte, para Viena. Sigmund Freud, como já na adolescência assinaria seu nome, nasceu e cresceu no

seio de uma família de características bastante peculiares que, como é observado por um de seus mais importantes biógrafos, pode ter sido a causa do modo como veria o mundo e até mesmo como chegaria às suas mais geniais teorias.

“O curso da evolução emocional de Freud... foi modelado pela desconcertante trama de relações familiares, da qual ele achava muito difícil escapar. O emaranhado das configurações domésticas era muito corrente no século XIX, quando eram frequentes as mortes prematuras por parto ou doenças, e muitas vezes as viúvas ou viúvos se casavam logo a seguir. Mas os mistérios com que se deparou Freud eram mais intrincados do que o usual. Quando Jacob Freud desposou Amália Nathanson, sua terceira mulher, em 1885, já estava com quarenta anos, vinte a mais do que sua esposa. Dois filhos do primeiro casamento – Emanuel, casado e com filhos, e Philipp, solteiro – eram vizinhos. Emanuel era mais velho do que a jovem e atraente madrasta que o pai trouxera de Viena, ao passo que Philipp tinha apenas um ano a menos do que ela. Igualmente intrigante para Sigmund Freud era que um dos filhos de Emanuel, seu primeiro companheiro de jogos, fosse um ano mais velho do que ele próprio, seu pequeno tio”.⁶

Freud somente conseguiria compreender os sentimentos que tinha por sua jovem e bela mãe, muitos anos depois, através de auto análise, mas o menino realmente demonstrava talentos natos para o conhecimento e seus pais perceberam isso desde cedo. Depois de alguns anos de penúria em Viena, o pai agora poderia se dar



Jean-Martin Charcot

Psiquiatra e psicólogo.

ao luxo de instalar sua família num apartamento de seis cômodos, que não era absolutamente ideal para a família que já havia crescido bastante, mas o menino Freud desfrutava de um quarto apenas seu, onde passava horas e horas debruçado sobre os livros que tanto adorava. Suas refeições eram feitas ali mesmo, enquanto folheava as páginas de literaturas diversas.

Certa vez Freud reclamou do barulho que a sua irmã Anna fazia ao ensaiar no piano. O instrumento foi retirado e nunca mais voltou. Nunca houve rancor por conta desse episódio. O que mais importava a todos era a carreira promissora que o garoto inspirava a toda a família. Um fato bastante interessante era o de que o menino tinha uma estranha mania: possuir um diário onde anotava os seus sonhos. Isso torna o fato de, segundo ele mesmo, “A Interpretação dos Sonhos”⁷, sua obra mais significativa, não ter sido apenas fruto de suas intensas pesquisas já como médico, mas o resultado de um processo que se iniciou em tenra idade.

Aos 17 anos, confrontando-se com a dúvida de seguir a carreira jurídica ou médica, opta por essa última. O menino que anotava seus próprios sonhos idealizava poder compreender os mistérios mais profundos da existência humana. Tão forte era isso em sua personalidade que muitos anos depois confessou ao amigo Fliess⁸ que, sob alguns aspectos, muito lhe interessava o exercício da filosofia.



Pintor:
Salvador Dalí

Quadro:
Sonho Causado Pelo
Voo de uma Abelha
ao Redor de Uma
Romã um Segundo
Antes de Acordar.

Durante os anos na universidade, que duraram até 1881, Freud não parecia estar interessado na medicina como campo de trabalho, mas como campo de pesquisa. Foi nesse tempo que conheceu Ernst Wilhelm von Brücke⁹, o qual lhe seria de grande influência. Com Brücke, Freud teve contato com a fisiologia cerebral e sua funcionalidade, trazendo-o mais próximo às teorias de Darwin. Mas Freud, como grande parte dos gênios da humanidade é, acima de tudo, humano, e humanos se apaixonam. Em 1882, conhece Martha Bernays, uma amiga de sua irmã Anna. Dois meses depois ficam noivos, mas o casamento ainda teria que esperar alguns anos. Freud não era, por assim dizer, o melhor partido da praça. Numa Viena impregnada de antisemitismo e longe de poder sustentar uma família, não poderia se dar ao luxo prematuro de desposar a sua amada. Na verdade, as finanças somente vieram a se equilibrar quando Freud já havia conquistado reconhecimento público.

Em 1885, com uma bolsa de estudos de seis meses – que lhe fornecia poucos recursos – concedida pela Universidade de Viena e sob a tutela e defesa de Brücke, vai a Paris, na época estonteada com as façanhas do psiquiatra Jean-Martin Charcot¹⁰. Possuidor de conhecimento e talento excepcional no campo da hipnose, Charcot imediatamente se tornaria um marco para Freud. Para se ter uma ideia do tamanho dessa influência, Freud utilizou consistentemente a técnica de indução hipnótica aprendida com Charcot, em seus primeiros anos como psiquiatra e psicólogo. Pode-se até conjecturar que a teoria do inconsciente freudiana está intimamente relacionada às suas experiências com essa técnica, abandonada anos depois.

Nas palavras de Gay:

“...desde o começo, Freud ficou deslumbrado com Jean-Martin Charcot. Por cerca de seis semanas, ele trabalhou no estudo microscópico de cérebros infantis no Laboratório Patológico de Charcot, na Salpêtrière; mais tarde, algumas extensas publicações sobre afasia e paralisia cerebral infantil viriam a provar que ele mantinha interesse, ainda que se reduzindo gradualmente, por pesquisas neurológicas. Mas a presença poderosa de Charcot afastou-o do microscópio e o impeliu a uma direção para a qual, conforme alguns sinais visíveis, já vinha se encaminhando: a psicologia.”

O abandono da técnica de hipnose por Freud está relacionado ao fato de que nem todos os pacientes eram hipnotizáveis. Isso fez com que ele percebesse uma séria limitação na técnica. Mais ainda, nessa al-



Martha Bernays

Esposa de Freud.

tura, já havia se tornado um excepcional observador de seus pacientes, percebendo os efeitos positivos do que chamou de técnica da associação livre.

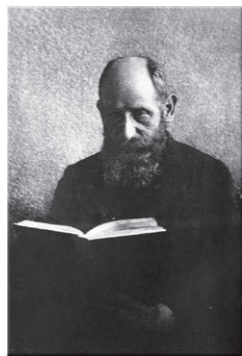
*"Freud celebrou os resultados brilhantes que poderiam advir dessa nova técnica, entendendo-se sobre o caso clínico de 'Fräulein Elisabeth von R.', a quem de início hipnotizara por pouco tempo. Seu relatório sobre essa paciente, que o procurou no outono de 1892, mostra quão sistematicamente ele vinha, agora, cultivando o dom de observação atenta. A primeira pista para um diagnóstico da neurose de Elisabeth foi sua excitação erótica, quando ele pressionou ou apertou-lhe as coxas durante um exame físico. 'O rosto dela', observou Freud, 'assumiu uma expressão singular, mais de prazer do que de dor; ela gritou – um pouco como se fosse, não pude deixar de pensar, uma cócega voluptuosa; seu rosto se afogueou, atirou a cabeça para trás, fechou os olhos, o tronco pendeu para trás.' Ela estava experimentando o prazer sexual que negava a si mesma em sua vida consciente."*¹¹

Os olhos atentos de Freud aliados à sua percepção aguçada com a prática, mostraram-se apenas uma face das ferramentas que acabaria por utilizar em seus pacientes. A teoria inovadora que vinha construindo e que o tornaram um arqueólogo de almas estava relacionada à catarse sintomática, provinda da expressão verbal, que jorrava através da livre associação, trazendo à tona o substrato profundo que vive nas dobras do inconsciente humano.

"Foi a conversa, porém, mais do que a observação, por mais atenta que fosse, que se revelou como a chave para a cura. Nessa análise 'a primeira análise completa de uma histeria que compreendi', Freud e Elisabeth von R. 'remove-

Josef Breuer

Médico e fisiologista austríaco, o melhor amigo de Freud na universidade de Viena. Foi através das conversas com Breuer que Freud inicia o desenvolvimento da psicanálise.



*ram" o "material psicológico patogênico" Era um procedimento que gostávamos de comparar à técnica de escavar uma cidade soterrada". Freud incentivava a paciente a fazer associações livres. Durante os silêncios dela, quando ele lhe perguntava o que lhe passava na cabeça e ela respondia "Nada", ele se recusava a aceitar isso como resposta. Aqui havia outro mecanismo psicológico importante que seus pacientes cooperativos (ou melhor, não cooperativos) estavam mostrando a ele: Freud estava conhecendo a resistência. Era a resistência que impedia Elisabeth von R. de falar; tinha sido seu esquecimento voluntário, achava ele, que, fundamentalmente, provocara os sintomas de conversão. A única forma de se libertar de sua dor era falar".*¹²

O próximo passo de Freud seria se debruçar no particular dos sonhos e descobrir que os símbolos que emergem do onírico lhe davam pistas bastante concretas sobre o mundo do pré-consciente. Mas ao mesmo tempo, sabe que o universo simbólico, para quem os analisa, não é um mundo que vem pronto. O psicanalista não pode querer tratar esses símbolos fora de contextos mais profundos.

Os símbolos são, é claro, e nisso ele estava completamente certo, a linguagem que nosso inconsciente se utiliza para jorrar para fora o que está soterrado em nossa profundidade, mas no entanto, não podem ser tratados como letras de um alfabeto visual, encaixados num tempo linear e mesmo contendo algum tipo de norma expressiva universal, pois,

"Há ainda outra maneira pela qual os sonhos transmitem seu sentido interno: através dos símbolos. Freud atribuiu um papel apenas marginal aos símbolos; nas primeiras edições de A Interpretação dos Sonhos, mencionou-os somente de passagem, e mais tarde acrescentou uma seção

*bastante longa sobre eles, principalmente por instâncias de Wilhelm Stekel e outros de seus primeiros discípulos. A pura qualidade mecânica da interpretação dos símbolos nunca deixou de incomodá-lo. "Quero advertir enfaticamente contra a superestimação da importância dos símbolos na interpretação dos sonhos", escreveu em 1909, alertando ainda contra "restringir o trabalho da tradução dos sonhos à tradução dos símbolos e abandonar a técnica de tirar bom proveito das associações do sonhador".*¹³

Mas o motivo principal pelo qual Freud fica entre o muro e as pedras é o fato de que sua teoria das pulsões básicas, divididas entre Eros, ou pulsão sexual básica para a vida, e Tânatos, pulsão de morte, agressiva, estava à frente de seu tempo. Falar abertamente de sexualidade como falou em sua época, foi demais até mesmo para outros pesquisadores envolvidos com a trama da mente. Não foram poucas as vezes que foi chamado de pervertido, mas a sua convicção era mais forte que seu medo e talvez por isso conseguiu, em meio a um mar de calúnias e perseguições, se fazer respeitado mesmo por seus perseguidores.

A vida do precursor da psicanálise, além de levantar uma tremenda gama de especulações, suscita também um enorme rastro de dúvidas. Por acreditar que os biógrafos jamais encontram o fio da meada, que de maneira nenhuma conseguem reconstruir exatamente qualquer personalidade, chega a destruir uma enorme quantidade de documentos. Segundo ele mesmo, numa carta de 1885 à Martha Bernays, sua noiva, confessa:

*"...quase completado um empreendimento que algumas pessoas ainda não nascidas, mas destinadas ao infortúnio, vão sentir seriamente...Destruí todas as minhas anotações dos últimos catorze anos, além de cartas, excertos científicos e manuscritos de minhas obras. Entre as cartas, foram poupadas apenas as familiares".*¹⁴

Isso pode nos levar a pensar que Freud, conhecendo a complexidade humana tão profundamente, talvez não tenha querido que futuramente a história lhe reservasse uma biografia mentirosa ou repleta de omissões, como tantas outras que nos chegaram às mãos. Sua preocupação consigo mesmo, ou seja, com a imagem que provavelmente seria construída futuramente em torno de sua personagem, provavelmente não tenha nada a ver com vaidade, mas com o compromisso que sempre teve com a verdade científica. De forma alguma podemos discutir em poucas linhas o imenso legado do pai da psicanálise. Sua figura controversa e a grandiosidade material de sua obra não nos deixa outra alterna-

tiva, a não ser pincelar levemente sua magnífica jornada. Além desse limite, abrir-se-ia um panorama demasiadamente extenso de lacunas, e os erros que essa tentativa nos traria chegariam à absurdidade. No máximo, em tão pouco espaço, podemos apenas levantar alguns pontos que, no caso particular dos profissionais projetistas de iluminação, poderiam nos fazer entender que ao buscarmos compreender o que nos é solicitado subjetivamente, podemos exercitar formas de levantar informações muito mais precisas.

Geralmente, quem busca um profissional para resolver soluções estéticas ou técnicas de iluminação dos espaços, se esquece ou desconhece que essas soluções estão diretamente relacionadas a padrões inconscientes. Mesmo pessoas extremamente equilibradas emocional e mentalmente podem estar sujeitas a passar por cima de detalhes-chave. Ao nos depararmos com os discursos de nossos clientes, quando falam de seus anseios e expectativas, podemos aceitar os discursos silenciosa e compassivamente, por outro lado, podemos exercitar a nossa percepção, prestando um pouco mais de atenção à outra face do mesmo discurso.

Claro que ninguém tem que ser psicólogo de cliente, não é isso, mas em determinadas situações, percebemos claramente que algo mais está sendo dito. Uma palavra que escapa, um gesto, um olhar, são sinais que nos trazem informações por vezes extremamente valiosas. Conheço profissionais que já se observaram “entendendo” anseios e expectativas de seus clientes através desses mesmos sinais. Isso não é regra, mas acontece. Quem é que não se deparou ainda com situações em que a pessoa que nos fala, por mais que tente, não consegue exprimir seus anseios? Em certos momentos faltam as palavras, mas em outros, em casos mais específicos, a própria pessoa não tem consciência do que deseja, principalmente ao adentrar uma área do conhecimento desconhecida, como o design de iluminação, para a grande maioria das pessoas.

Ao mesmo tempo, podemos perceber que “sabe” intuitivamente, ou melhor, inconscientemente o que quer, e mesmo o que não quer. Mas podemos perceber se estivermos atentos aos “sinais” que nos chegam. Uma coisa muito inte-

ressante, e que aprendi: é que nessas ocasiões podemos mudar o foco do assunto para algo que, à primeira vista, pode não ter muito a ver com o que está em jogo, mas que sabemos que dali podem advir outras informações correlatas. Isso é uma espécie de técnica de livre associação. Não a mesma utilizada por Freud, é claro, mas um pouco parecida.

Na iluminação cênica, onde o universo subjetivo é bastante presente, isso é muito comum. Diretores e atores costumam nos falar sobre fatos que ocorrem no invisível das relações, mas procuram fazer com que esses fatos sejam também expressões totais do momento cênico, através dos elementos que compõem as cenas no plano sensível, como é o caso da iluminação. Iluminadores procuram então “extrair” esses conceitos transparentes e trazê-los à tona. Uma das formas de se fazer isso é criar condições para que aquele que discursa “materialize” a subjetividade escondida. Nesse momento, a livre associação é uma ferramenta e tanto. Todos nós somos aquilo que trazemos em nossa história, desde crianças. Um mundo vivo esperando por nós, mas reservado, íntimo e que comanda a maioria de nossas ações.

Engana-se quem acredita que as nossas escolhas são feitas somente pela mente consciente. Se isso ocorresse, poderia ser ótimo, pois não teríamos que esperar nada de novo no front, mas também seria muito chato, porque a riqueza de nossa história e dos milhões de dados que não prestamos atenção diariamente, não fariam diferença nenhuma em nossa existência.

Peter Gay em seu excelente ensaio sobre Virgínia Woolf, desabafa:

“Na verdade, Virgínia Woolf não era tão decorosa, ou tão frígida, quanto sugere o mito de Bloomsbury. Ela fala com franqueza e ousadia sobre o amor e o ódio – do ódio entre casais, dos filhos brigando com os pais –, como se tivesse removido camadas e camadas de circonvoluções bem educadas para chegar às regiões ocultas das necessidades mentais primitivas. Não é preciso ser um freudiano ortodoxo para descobrir conflitos edípicos em seus romances; eles estão por toda parte.”

Esse é um exemplo maravilhoso e claro de que os nossos conflitos interiores permeiam

absolutamente as nossas obras. Da mesma maneira que, como profissionais, podemos compreender o mundo de anseios e desejos daqueles para os quais trabalhamos, nossa alma aflora em nossas obras, derrama sobre a dimensão material o néctar de nossa intimidade. Para quem tem olhos e ouvidos aguçados, não existe segredo sob o céu. ◀



Valmir Perez

é lighting designer, graduado em Artes e mestre em Múltiplos. É responsável pelo Laboratório de Iluminação da Unicamp, onde desenvolve projetos de iluminação, captação de imagens e de softwares, além de ministrar cursos, workshops e palestras. Contato – valmirperez@gmail.com | www.iar.unicamp.br/lab/luz.

BIBLIOGRAFIA:

MLODINOV, L. *Subliminar – Como o inconsciente influencia nossas vidas*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda
GAY, P. *Freud – Uma vida para nosso tempo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras 2012.
GAY, P. *Modernismo - O Fascínio da Heresia - De Baudelaire a Beckett e mais um pouco*. São Paulo, SP: Companhia das Letras 2009.
HEIDBREDE, Edna. *Psicologias do século XX*. 5. ed. São Paulo, SP: Mestre Jou, 1981. 390p.
SIGMUND, Freud. *A Interpretação dos Sonhos*. São Paulo, SP: Circulo do Livro, 1989.

- 1 - Galileu Galilei (em italiano: Galileo Galilei; Pisa, 15 de fevereiro de 1564 – Florença, 8 de janeiro de 1642) foi um físico, matemático, astrônomo e filósofo italiano. Wikipédia a Enciclopédia Livre <http://pt.wikipedia.org/wiki/Galileu> em 03/08/2013.
- 2 - Leonard Mlodinow (Chicago, 1954) é um físico, autor de livros de divulgação científica estadunidense, escreve uma coluna para o New York Times e escreveu roteiros de séries como MacGyver e Star Trek. Seus pais foram ambos sobreviventes do holocausto e se conheceram em Nova York depois da guerra. Seu pai, que esteve mais de um ano no campo de extermínio de Buchenwald, foi um líder da resistência judaica na sua cidade natal, Czestochowa, na Polónia. Quando criança, Mlodinow se interessou tanto em matemática quanto química, e quando na high school foi tutorado em química orgânica por um professor da Universidade de Illinois. Wikipédia a Enciclopédia Livre. http://pt.wikipedia.org/wiki/Leonard_Mlodinow em 03/08/2013.
- 3 - Mlodinow, L. *Subliminar – Como o inconsciente influencia nossas vidas*. Rio de Janeiro, RJ: Jorge Zahar Editor Ltda, 2013. 41p. 4 - Op. Cit. 41p. 5 - Immanuel Kant (Königsberg, 22 de abril de 1724 — Königsberg, 12 de fevereiro de 1804) foi um filósofo prussiano, geralmente considerado como o último grande filósofo dos princípios da era moderna. Wikipédia a Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Kant> em 03/08/2013. 6 - Gay, P. *Freud – Uma vida para nosso tempo*. São Paulo, SP: Companhia das Letras 2012. 23p. 7 - A Interpretação dos Sonhos, publicado em 1899, com a data 1900, é um livro de Sigmund Freud que aborda, na época da publicação, de uma forma inovativa, os processos inconscientes, pré-conscientes e conscientes envolvidos nos sonhos, incluindo sonhar, recordar e relatar o sonho. O livro explica o argumento para postular o novo modelo inconsciente e desenvolve um método para conseguir acesso ao mesmo, tomando elementos de suas experiências prévias com as técnicas de hipnose e com o tratamento da histeria através da técnica de associação livre, isto é, o paciente fala o que lhe ocorre no momento. Essa técnica foi transposta para as associações em relação ao conteúdo do sonho. Wikipédia A Enciclopédia Livre. http://pt.wikipedia.org/wiki/A_Interpreta%C3%A7%C3%A3o_dos_Sonhos em 11/08/2013. 8 - Wilhelm Fliess (24 de outubro de 1858 — 13 de outubro de 1928) foi um médico alemão, especializado em cirurgia e otorinolaringologia, mas que foi um protagonista importante da pré-história da psicanálise. Estudou Medicina em Berlim. Fliess encontrou-se com Sigmund Freud em 1887, por sugestão de Josef Breuer, outro psiquiatra amigo do pai da psicanálise. Após assistir a algumas conferências de Freud em Viena, formou fortes laços de amizade com ele, tornando-se seu confidente frequente e apoiador moral para a maioria das atividades produtivas de Freud. Iniciou atividades em psicanálise, e trocavam correspondência intensamente. Fliess, não obstante, era mais do que um ouvinte crítico das ideias de Freud - ele mesmo fez algumas contribuições científicas ambiciosas para a psiquiatria da época, para as quais pediu a confirmação de Freud. Wikipédia A Enciclopédia Livre. http://pt.wikipedia.org/wiki/Wilhelm_Fliess em 11/08/2013. 9 - Ernst Wilhelm von Brücke (6 de Julho de 1819, Berlim - 7 de janeiro de 1892, Viena), foi um psiquiatra e psicólogo da Alemanha. Ele ficou mundialmente conhecido por sua influência em Sigmund Freud, um de seus alunos de medicina, uma influência importante para o nascimento da psicanálise. Em 1842 se graduou em medicina na Universidade de Berlim. Depois, em 1843, tornou-se assistente de investigação de Johannes Peter Müller (1801-1858). Já em 1845 foi fundada a Sociedade de Psicologia, em Berlim, com Emil Du Bois-Reymond (1818-1896), Hermann von Helmholtz (1821-1894) e outros, na casa do físico Heinrich Gustav Magnus (1812-1870). Mais tarde, este tornou-se membro da Sociedade Alemã de Física. Em 1848 tornou-se professor de psicologia na Universidade de Königsberg e em * 1849 virou professor de psicologia na Universidade de Viena. Wikipédia A Enciclopédia Livre. http://pt.wikipedia.org/wiki/Ernst_Br%C3%BCcke em 11/08/2013. 10 - Jean-Martin Charcot (Paris, 29 de Novembro de 1825 - † Montsauche-les-Settons, 16 de agosto de 1893) foi um médico e cientista francês; alcançou fama no terreno da psiquiatria na segunda metade do século XIX. Foi um dos maiores clínicos e professores de medicina da França juntamente com Guillaume Duchenne, o fundador da moderna neurologia. Suas maiores contribuições para o conhecimento das doenças do cérebro foram o estudo da afasia e a descoberta do aneurisma cerebral e das causas de hemorragia cerebral. Durante as suas investigações, Charcot concluiu que a hipnose era um método que permitia tratar diversas perturbações psíquicas, em especial a histeria. Charcot é tão famoso quanto seus alunos: Sigmund Freud, Joseph Babinski, Pierre Janet, Albert Londe e Alfred Binet. A Síndrome de Tourette, por exemplo, foi batizada por Charcot em homenagem a um de seus alunos, Georges Gilles de la Tourette, assim como o Mal de Parkinson foi nomeado por este médico como homenagem a James Parkinson. Wikipédia A Enciclopédia Livre. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Charcot> em 11/08/2013. 11 - Op. Cit. 87 e 88 p. 12 - Op. Cit. 88 p. 13 - Op. Cit. 129 p. 14 - Op. Cit. 23 p. 15 - Gay, P. *Modernismo - O Fascínio da Heresia - De Baudelaire a Beckett e mais um pouco*. São Paulo, SP: Companhia das Letras 2009. 203p.